

MGL-(2)

Canadá hoje



doc
CA1
EA912
H51
POR
1982
Junho

Ano I — Número 2 — Junho de 1982

1.º de julho
Dia do
Canadá

LIBRARY E A / BIBLIOTHÈQUE A E

3 5036 01029753 2



A casa que
a história construiu

EDITORIAL

Novos caminhos nas relações comerciais

Ronald Stuart MacLean
Embaixador do Canadá no Brasil

O corrente ano marca o 41º aniversário das relações diplomáticas entre o Brasil e o Canadá, iniciadas em 1941 com o intercâmbio de legações. Este acontecimento foi de suma importância para o Canadá, pois tratava-se da primeira missão diplomática canadense a estabelecer-se na América Latina.

O primeiro enfoque foi dado para as relações comerciais com a assinatura em 1941, no Rio de Janeiro, da formalização do início de um extenso programa de relacionamento. Para o Canadá, o mercado brasileiro é o mais importante da América Latina, bem como nosso país tornou-se um excelente mercado para os produtos manufaturados e semimanufaturados brasileiros. Em 1981 esse comércio ultrapassou a marca anual de 1.0 bilhão de dólares canadenses, tendo como principais produtos o café, motores de automóveis, bauxita e suco de laranja concentrado para o Canadá e, no que concerne ao Brasil, trigo, potássio, enxofre e papel de imprensa como os mais importantes.

Grande impulso nas relações comerciais entre os dois países vem sendo dado pelas duas Câmaras de Comércio, no Brasil e no Canadá, sendo que estas mantêm estreita relação e recebem cooperação dos Consulados e Embaixadas dos dois países, amadurecendo as relações bilaterais.

A Câmara de Comércio Brasil-Canadá, em São Paulo, fundada em 1973, é apoiada por empresas brasileiras e canadenses, servindo ao empresário como assessoria de informação, sempre atenta às necessidades de seus associados. Para tanto, a Câmara hoje possui uma série de Comissões de Trabalho, incluindo a primeira Comissão de Arbitragem do Brasil. Em seu escritório, a Câmara dispõe de pessoal especializado para atender a eventuais consultas de ordem comercial, preenchendo lacunas existentes, bem como identificando representantes e distribuidores, tarifas, novos produtos etc.

Uma visão mais profunda demonstra que sempre houve interesses mútuos entre o Canadá e o Brasil. Os canadenses evidenciam-se por maior interesse nas áreas de comércio, investimentos e melhoramentos das condições de vida. O Brasil, por seu lado, sempre demonstrou maior interesse por um relacionamento político-diplomático mais dinâmico.

Para enfatizar este relacionamento, a visita do Presidente Figueiredo ao Canadá é uma concreta manifestação do interesse brasileiro, bem como canadense, em estreitar mais nosso relacionamento.

O Brasil e o Canadá têm um longo caminho a percorrer juntos no panorama mundial. São duas nações novas que se preocupam em alcançar níveis de alto desenvolvimento através das relações comerciais e diplomáticas, pondo em evidência parâmetros de atitudes que só delineiam as semelhanças entre nossos países.

Para enfatizar este relacionamento, a visita do Presidente Figueiredo ao Canadá é uma concreta manifestação do interesse brasileiro, bem como canadense, em estreitar mais nosso relacionamento.

O Brasil e o Canadá têm um longo caminho a percorrer juntos no panorama mundial. São duas nações novas que se preocupam em alcançar níveis de alto desenvolvimento através das relações comerciais e diplomáticas, pondo em evidência parâmetros de atitudes que só delineiam as semelhanças entre nossos países.

O Brasil e o Canadá têm um longo caminho a percorrer juntos no panorama mundial. São duas nações novas que se preocupam em alcançar níveis de alto desenvolvimento através das relações comerciais e diplomáticas, pondo em evidência parâmetros de atitudes que só delineiam as semelhanças entre nossos países.

O Brasil e o Canadá têm um longo caminho a percorrer juntos no panorama mundial. São duas nações novas que se preocupam em alcançar níveis de alto desenvolvimento através das relações comerciais e diplomáticas, pondo em evidência parâmetros de atitudes que só delineiam as semelhanças entre nossos países.

Sumário

Editorial	2
Pres. Figueiredo visita o Canadá	2
Canadá: Um longo caminho para o desenvolvimento	3
Teatro: Um mundo democrático	4
Expo 86	4
A Constituição vem para casa	6
Mark MacGuigan em revista	7
O satélite brasileiro é do Canadá	8
10 anos de Brasília	9
Um paraíso sobre o mar	10
A casa que a história construiu	12
Experiência Ártica — exploração de petróleo	14
Canadá perde seu piloto n.º 1	15

Presidente Figueiredo visita o Canadá



FOI divulgada oficialmente a confirmação do convite feito ao Presidente João Figueiredo pelo Governador-Geral do Canadá, Edward Schreyer, para visitar Ottawa no período de 19 a 21 de julho deste ano.

Esta visita já havia sido planejada para outubro do ano passado, mas com a doença inesperada do Presidente Figueiredo foi adiada. É esperado que o programa oficial da visita seja similar ao planejado ano passado, que incluía um seminário na Câmara de Comércio Brasil-Canadá, encontros com homens de negócios e um almoço em honra do Presidente. Também são revistos encontros entre o Presidente e o Primeiro-Ministro Trudeau para discussões sobre as relações bilaterais e assuntos de mútuo interesse.

Embora o Presidente já tenha se encontrado com o Primeiro-Ministro em outras oportunidades, esta será a primeira vez em Ottawa; de fato, a primeira visita de um Presidente brasileiro ao Canadá.

Canadá Hoje é uma publicação trimestral das missões diplomáticas canadenses no Brasil.

Embaixada do Canadá (Brasília): Av. das Nações — lote 16, setor de Embaixadas Sul, tel: 223-7515. Consulado-Geral (Rio de Janeiro): Av. Presidente Wilson, 165/6.º, tel: 240-9912. Consulado-Geral (São Paulo): Av. Paulista, 854/5.º, tel: 287-2122.

Coordenação Editorial: Celio de Almeida (Assessor de Comunicação/Rio)

Redação: Juarez Passos — Layout: Jobar — Fotos: NFB — Fotolito: Repricolor — Impressão: Gráfica Vitória — Tiragem: 5.000 exemplares — Os artigos assinados não representam, necessariamente, a opinião do governo canadense. As matérias podem ser reproduzidas, desde que citada a fonte.

Canadá:

Um longo caminho para o desenvolvimento

Apesar de ser um país jovem, o Canadá atingiu um nível de desenvolvimento que o coloca ao lado das grandes potências mundiais. Mas para chegar ao estágio atual, o país enfrentou graves situações. A vasta dimensão territorial, geografia acidentada, diversificação climática acentuada e o baixo índice populacional foram o grande entrave para atingir tão almejado desenvolvimento.

No entanto, todos os obstáculos encontrados foram vencidos graças à determinação, à obstinação e à habilidade de seu povo. Na metade do século passado a certeza em relação ao futuro desenvolvimento do Canadá levou Sir Wilfrid Laurier a excluir uma frase que revelava esta certeza e o otimismo da nação: "O século XX será o século do Canadá". Não era uma profecia. Era a visão calculista de um homem que conhecia o potencial de seu país e acreditava no seu povo.



O Canadá, como outros países da América, é resultado da expansão da Europa Ocidental. À procura do caminho para a Ásia, os espanhóis descobriram o sul da costa oriental da América do Norte e os ingleses, franceses e holandeses, o norte. Franceses e ingleses estabeleceram, praticamente na mesma época, colônias na América do Norte. Estas colônias eram formadas, basicamente, por homens que buscavam melhores condições econômicas ou eram simplesmente refugiados das freqüentes perseguições religiosas que sofriam em seus países.

Os franceses se estabeleceram ao longo das margens do Rio São Lourenço e dos grandes lagos e seguiram rotas fluviais pelo interior do continente. Os ingleses, por seu lado, construíram postos avançados em torno da Baía de Hudson, onde desenvolveram um intenso comércio de peles. Desta forma se iniciou a primeira incursão de ingleses e franceses em terras canadenses até então habitadas somente por índios e esquimós, que se espalhavam da costa do Ártico, ao norte, até aos grandes lagos, no sul, e da ilha de Vancouver, no oeste, até ao Atlântico, ao leste.

Conflitos

O domínio do território provocou sucessivos conflitos entre ingleses e franceses que buscavam, nestas lutas, ajuda dos grupos indígenas que se aliaram, conforme seus interesses, aos ingleses nos ataques aos franceses, que estavam estabelecidos nas margens do Rio São Lourenço, ou aos franceses, que atacavam os ingleses que estavam na fronteira.

Foram estes conflitos intermináveis entre colonos na América do Norte que levou, em 1763, a França e Inglaterra a selarem um tratado de paz. Este tratado se concretizou após as derrotas das colônias francesas de Louisburg, em 1758, e Quebec, em 1759.

Além das vitórias nestas duas colônias, a Inglaterra exigiu da França a colônia de Nova França como garantia pelo tratado de paz. Nova França era, nesta época, uma das mais desenvolvidas e povoadas colônias de domínio francês. Segundo John Saywell (Canadá Passado e Presente), "a conquista da Nova França, em realidade, foi uma das causas da revolução americana. A necessidade de pagar gastos da guerra contra a França e as despesas para dominar os índios nas terras recém-conquistadas fizeram com que o governo britânico buscasse uma fonte de recursos nas colônias americanas". A medida mais imediata e mais consequente do governo inglês para resolver o impasse na América do Norte foi "aumentar os impostos, que provocou a ira do povo americano", continua John Saywell, "e os levou a lançar o grito de não pagaremos", gerando, finalmente, a revolução. A independência do povo americano do domínio inglês sugeriu-lhe uma aliança com os franceses de Nova França, recém-dominados pelo governo inglês, para um bloqueio imediato aos produtos ingleses. Proposta rejeitada. Os colonos franceses, a despeito das contradições com o regime de colonização e língua inglesa, mantinham rendoso comércio com a Inglaterra e não se dispunham a perdê-lo.

A América do Norte, apesar do tratado de paz de 1763, continuava como ponto de discórdia entre a França e Inglaterra. Esta permanente disputa, acontecendo fora da esfera americana, se dava a nível político e acontecia na Europa entre os dois governos, levando a França a perder seu território no continente norte-americano, restando-lhe apenas as ilhas de St. Pierre e Miquelon. A França perdia o domínio político, no entanto habitantes franceses permaneciam no território e para estes remanescentes franceses o governo inglês garantia-

lhes os direitos de leis civis, religião, posse da terra e língua.

Unificação do Canadá

Estes conflitos intermináveis acabaram retardando o desenvolvimento das colônias e por volta de 1840 a decadência era incontornável. Ciente da situação em que se encontravam as colônias, o Parlamento britânico aprova uma ata onde se criava uma União das Colônias. Em 1º de julho de 1867 estava criado o Canadá, que era formado pelo Alto e Baixo Canadá, Nova Escócia e Nova Brunswick. O governo desta confederação estava baseado no sistema parlamentarista britânico, ou seja, um governador-geral — representando a Coroa —, e um Parlamento formado por uma Câmara dos Comuns e o Senado.

Um dos principais idealizadores da confederação, Sir John MacDonal, foi escolhido para dirigir o primeiro governo do país, no cargo de primeiro-ministro. Algumas províncias, a princípio, não haviam concordado em participar da confederação e por conseguinte do Canadá. Esta resistência inicial, aos poucos, foi deixando de existir. Em 1870 a primeira das províncias resistentes à incorporação cedeu e incorporou-se, seguindo-se a Columbia Britânica, em 1871, e, em 1873, a Ilha de Príncipe Eduardo, Saskatchewan e Alberta no princípio do século. Terra Nova foi a última colônia a se incorporar ao Canadá, só o fazendo em 1949.

Prosperidade e desenvolvimento

O governo de Sir MacDonal tinha propósitos pragmáticos e definidos. Sua política se baseava em três pontos que seriam fundamentais para imediato desenvolvimento econômico e industrial do país: uma ferrovia transcontinental, a promoção da

colonização e uma alta tarifa para os produtos estrangeiros. Através destas realizações poderia se pensar concretamente na prosperidade do país. Assim pensava MacDonald e em 1885 estava concluída a *Canadian Pacific Railway* (Estrada de Ferro Canadense do Pacífico), ligando, via férrea, a costa do Atlântico ao Pacífico. Em 1879, antes da estrada de ferro, se concretizou a implantação no país das tarifas sobre produtos estrangeiros. Por fim, a colonização das vastas regiões desabitadas do território canadense, também objetivo do governo MacDonald, é possível graças ao fim da imigração européia e mesmo canadense para terras dos Estados Unidos. O fluxo de imigrantes se desvia para o Canadá, especialmente para o oeste. Estes imigrantes triplicaram a população do oeste canadense, proporcionando um rápido desenvolvimento na região, principalmente na produção de cereais.

O século XX será o século do Canadá

Em 1896, o Canadá vivia o apogeu econômico graças ao espírito desenvolvimentista de MacDonald nos governos anteriores. Entusiasmado com as riquezas do país que começavam a ser descobertas, principalmente minerais encontrados nas regiões de Columbia Britânica, Ontário e Quebec, Sir Wilfrid Laurier, então primeiro-ministro, exclamou uma frase que resumia o espírito otimista da nação em relação ao seu futuro. "O século XX será o século do Canadá".

Além das riquezas minerais em início de exploração, no Canadá prosperava também a base de investimentos do capital estrangeiro, principalmente americano. Até a década de 20, 90% dos investimentos empreendidos no território canadense era feito pelos EUA, que aproveitava o incentivo dado pelo governo e obtinha altas remessas de lucro. O incentivo ao capital estrangeiro era justificado pelo governo como uma forma eficaz de incrementar e desenvolver o processo industrial no país.

Jorra petróleo no território canadense

Os anos imediatamente após a Primeira Guerra Mundial representaram uma época de grande desenvolvimento econômico para o Canadá. Por volta de 1929 começou a grande depressão econômica que abalou toda a Europa e Américas, com reflexos óbvios em todo o mundo. A depressão, produto da Primeira Guerra Mundial, atingiu de forma contundente os países que tinham uma economia frágil. O Canadá conheceu momentos de extrema dificuldade pois, paralelo à depressão econômica que assolava todo o mundo, acontecia no seu território uma seca de proporções assustadoras, o que deixava a situação do país ainda mais agravada. Entretanto, estes momentos foram passageiros na vida do país. Com o fim da depressão por volta de 1932, a economia

voltou a se reorganizar e a se fortalecer e já na Segunda Guerra Mundial o Canadá tinha atingido um alto nível de industrialização e expansão econômica. Nos anos pós-guerra o desenvolvimento se acelerou ainda mais. A imigração, consequência da guerra na Europa, foi um fator decisivo no fortalecimento da nação. As fábricas foram se modernizando, trocando seus maquinários obsoletos por modernos equipamentos, atingindo um alto nível de produção. A modernização e diversificação da indústria levou o Canadá a um estágio de desenvolvimento que o colocou ao lado das grandes potências mundiais. Para completar o eixo de desenvolvimento que o país alcançara, foi encontrado, em 1947, em Alberta, o primeiro depósito de petróleo. Posteriormente, outros depósitos foram descobertos em outras regiões, entre elas a costa do Atlântico e Ártico e nos Territórios do Noroeste.

Energia nuclear

Na década de 50, outra descoberta na área de minérios: o urânio. As reservas localizadas em Saskatchewan e Ontário proporcionaram ao Canadá desenvolver projetos científicos no campo da energia nuclear. Em 1967 foi inaugurada a primeira central nuclear. Este crescente desenvolvimento reafirmava a posição do Canadá como uma das mais desenvolvidas nações do mundo. No entanto este desenvolvimento que possibilitou a resolução de problemas cruciais do país trouxe outros igualmente de difícil solução. A habitação, a especulação imobiliária invadindo terras agricultáveis, o crescente problema da poluição provocado pela elevada concentração industrial eram agora alguns dos problemas que exigiam resolução.

Destes problemas, um dos mais sérios e mais urgentes enfrentados pelo governo era a crescente e desordenada população urbana. Os grandes centros superpovoados e regiões, como as situadas na costa do Atlântico, eram irregularmente povoados e pouco desenvolvidos. Alertado para este problema, o governo decidiu estimular o crescimento e desenvolvimento destas regiões, evitando com isso os graves problemas sociais causados pela desenfreada concentração urbana.

Desenvolvimento organizado

Graças à sensibilidade dos homens que governaram o Canadá e ao seu povo, ao longo do seu processo histórico, o país vive hoje, no início de seu segundo século de existência, um desenvolvimento organizado que visa essencialmente o bem-estar do seu povo. É este desenvolvimento hoje atingido pelo Canadá que Sir Wilfrid Laurier vislumbrou na metade do século passado quando disse que "o século XX será o século do Canadá". Esta frase precisa ser adequada para a realidade do Canadá hoje. O verbo *ser* já pode ser conjugado no presente: O século XX é o século do Canadá.

As artes no Canadá refletem a coexistência pacífica de duas tradições culturais de seu povoamento — a inglesa e a francesa —, tendo como resultado um alto grau de diversificação. O rápido desenvolvimento após a Segunda Guerra Mundial, a grande imigração, o melhoramento das comunicações e transportes, além da migração interna proporcionaram a conscientização do público para o mundo artístico e cultural.

Os escritores não ficaram imunes a esta conscientização, apresentando uma inegável visão racional e emocional do que é a natureza do continente norte-americano. Sua geografia e história, apesar dos sólidos laços com a França e Grã-Bretanha, estão contidas no estilo próprio da literatura canadense.

Molière ou Shakespeare

E neste ponto também está o teatro. Com suas origens no século XVII na província de Nova Escócia e Quebec, o Canadá inglês desenvolveu seu teatro profissional a partir de grupos com grande diversidade de textos e experiências em Festivais de Verão tais como os Festivais de Stratford, de Shaw em Niagara-on-the-lake e o Festival de Charlotte-town.

Com estes movimentos chegou-se a duas escolas com conceitos distintos. Os artistas e escritores ou eram os herdeiros de Shakespeare (Canadá inglês) ou os filhos de Molière (Canadá francês). Como resultado desta divisão, o teatro canadense, que não possuía ainda escritores de porte nacional, ficou estraçalhado. O diálogo era impossibilitado pelas diferenças intrínsecas das duas escolas e pela não existência de um nacionalismo forte àquela época.

A partir de uma visão mais simplista de que as raízes do povo estavam na terra, em seres humanos que dividiam seu tempo, lugar e preocupações na construção de um novo mundo, é que se pode apreciar trabalhos de escritores teatrais do porte de *Michael Cook*, *George Ryga*, *Ken Mitchell* e *George F. Walker*. A partir deste mesmo ponto é que também se pode compreender algumas das maiores criações coletivas, co-

EXPO 86

A exposição mundial de transportes

Um mundo democrático



Cena de Julio Cesar do Festival de Stratford

mo por exemplo *Paper Wheat e 1837*, bem como o trabalho de *Michel Tremblay*, um quebequiano que celebrando seu próprio mundo fez-nos entender que aquele povo tinha melhores condições de vida que seus antepassados. Assim vamos ter as histórias das mais importantes companhias teatrais contemporâneas canadenses: *Toronto's Passe Muraille, Factory and Free Theatre, Montreal's French-language Theatres, Vancouver's Playhouse*, entre outras.

Um modelo alternativo

Muita coisa mudou nos anos 60 no Canadá e estas atitudes ainda estão presentes no teatro de agora. Primeiramente vem 1967 com as celebrações do Centenário do Dia de Confederação, um evento que, como disse George Ryga numa entrevista para a rádio CBC em 1972, "mesmo após cem anos ainda estamos unidos". Ryga quis se referir à falta de nacionalismo ainda reinante, culpando-o pela situação nacional. Outro escritor famoso, *Don Rubin*, explica que "a descoberta pelo povo canadense dos movimentos separatistas mundiais, de que a França, a Inglaterra e os Estados Unidos não tinham respostas para os complexos problemas do Canadá", os fracassos das grandes economias no período, o movi-

mento generalizado de independência africano, uma juventude que surgia com valores menos colonialistas e mais voltados para papéis sociais, a importância da história canadense como forma separada e não mais extensão da história britânica ou francesa, também contribuíram para a explosão do nacionalismo, influenciando e fazendo desenvolver um senso de comunidade entre os escritores teatrais.

Nos anos subsequentes às celebrações do Centenário, muitos dos artistas canadenses começaram a "democratização do teatro", criando suas próprias imagens. Apareceram, então, as imagens de um povo jovem expressando-se através da pele, de uma linguagem escatológica e da quebra dos tabus para, mais tarde, realizarem-na através de uma metamorfose mais sociológica e intelectualmente mais profunda.

Antes mesmo que esse processo de democratização ficasse tão popular, o governo já estava investindo na tentativa de programas subvencionados (*Opportunities for Youth and Local Initiatives Programs*). Em Quebec, o mais famoso desses artistas foi *Jean-Claude Germain*, enquanto que no Canadá inglês, *Paul Thompson*, um diretor bilíngüe que passou vários anos na França trabalhando ao lado de Roger Planchon e suas idéias de um teatro popular, trouxe novas modalidades do pensamento.

O que Germain fazia em Montreal com sua companhia e peças era a criação de mitos. Mas não demorou muito para que o grupo *Theatre Passe Muraille*, de Thompson, também enveredasse na mesma direção. Esta nova direção significava que o teatro do Canadá começava a desenvolver um modelo alternativo do modelo oficial. Este novo teatro alternativo ficou apenas associado a uma forma de produção de autores canadenses, tendo como chave desse processo a cultura local. Nunca o Canadá havia conhecido um boom de escritores teatrais: mais de 200 novas peças foram produzidas em 71 e 72.

Da ingenuidade às quebras de tabus

É importante notar que estes fatos aconteceram lentamente. Há sinais de mudança

nos anos 20 e 30, nos trabalhos de escritores como *Sarah Anne Aerzon e Charles Nair* no século XIX. O fato de que este novo processo tenha frutificado nos anos 60 e 70 e que mostre uma contínua maturação nos anos atuais vai além de um estudo do processo de autoconscientização, pois este processo é essencial ao meio social e literário como parte da maturação de uma nação e de como ele espelha sua vida cultural através de seus artistas.

"Se as reflexões sobre o processo teatral no Canadá não têm sido os grandes dramas que gostaríamos de ver", diz Don Rubin, "devemos continuar a pensar que eles fazem parte de todo o processo que é essencial, se nós estamos prestes a ter arte em todos os sentidos".

As produções teatrais, para poder melhor compreender seu futuro, podem ser divididas em 3 partes: o período Colonial, com todas as peças escritas até 1867; o período Confederação, de 1867 a 1945; e o período do Centenário, de 1945 até nossos dias, cada um possuindo características próprias.

O Colonial caracteriza-se pela procura de modelos no exterior e pela negação de tudo que fosse canadense. O segundo período, Confederação, por outro lado, mostrou uma preferência por matérias mais ingênuas em que se aceitavam as contingências da vida de uma forma passiva. Após 1945, entretanto, a tendência militante emerge e os escritores teatrais começam a desafiar o senso comum da sociedade e o leva à discussão em todas as oportunidades.

O Canadá possui um corpo de escritores que começa a sair do anonimato e criam mitos lidando com assuntos mais presentes, questionando o ser humano em todas as suas estruturas mais modernas. Os mais famosos textos giram a respeito de questões de identidade, do ser e do vir a ser, questões de hoje e perguntas do que será o futuro, enfim, questões que preocupam o ser humano como parte de um ser social e inegavelmente destinado a dirigir seu próprio destino.



ATRAVÉS da história o Homem tem vivido à procura de um meio de vida melhor, de um clima mais ameno e hospitaleiro ou, simplesmente, à procura do horizonte perdido. Os mais marcantes avanços nesta procura vieram com as conquistas, o comércio e o conhecimento que obteve através de viagens por todo o mundo. Assim, pode-se dizer que este é o século dos transportes, em que o homem aprendeu a andar pelo ar, terra e mar, sobrepujando a distância e o tempo.

A *Expo 86* em Vancouver, de 2 de maio a 13 de outubro de 1986, ficará conhecida na história como a *Feira Mundial dos Transportes*. Nela serão mostrados novos métodos de transportes e motores, revelando o grau de desenvolvimento em que se encontram muitas das nações que lá estarão representadas.

Localizada em 55 hectares à beira d'água, num dos mais importantes portos do Canadá, a feira será o ponto de encontro internacional da nova tecnologia em transportes. Governos e indústrias, estudantes e cientistas, técnicos e inventores poderão explorar o futuro juntos, futuro este em que os transportes e as comunicações têm um decisivo e dominante papel.

A Constituição vem para casa

A proclamação da Constituição em lei e o término do domínio inglês sobre matérias constitucionais canadenses foi assinada pela Rainha Elizabeth, numa histórica cerimônia no Parliament Hill em Ottawa, dia 17 de abril passado.

“Depois de 50 anos de discussão, finalmente obtivemos o direito de termos o que é nosso. É com nossos corações em festa e com gratidão pela atitude mostrada pela Grã-Bretanha que estamos nos preparando para adquirir, hoje, nossa completa soberania”, falou o Primeiro-Ministro Pierre Trudeau na cerimônia de assinatura da Constituição.

Votos de congratulações

DEPOIS de ser assinada a proclamação, várias mensagens de parabenização foram recebidas dos chefes de Estado de diversos países. Numa mensagem para a Rainha, o Presidente norte-americano, Ronald Reagan, disse:

— “Uma ocasião como esta nos lembra de nossas tradições, valores e laços de amizade que nos unem e nos têm feito aliados em perseguir causas comuns. É com grande felicidade e satisfação que todos os americanos se juntam a mim... para assegurar aos canadenses nossa mais profunda e duradoura amizade”.

Aproximadamente 32.000 pessoas assistiram às cerimônias no Parliament Hill, que foi palco de 4 dias de comemorações com a chegada da Rainha Elizabeth em 15 de abril. O Governador-Geral, Edward Schreyer, e o Primeiro-Ministro, Pierre Trudeau, receberam a Rainha quando de sua chegada. Outros dignitários, incluindo os membros do Parlamento e Ministros, os Premiers das províncias, o líder do Partido Conservador, Joe Clark, e o do Partido Nova Democracia, Ed Broadbent, também estiveram presentes à recepção. A Rainha e o Príncipe Phillip chegaram ao Parlamento para a cerimônia da proclamação em carro aberto, sob um sol brilhante. A proclamação foi assinada pelo Primeiro-Ministro Trudeau, o Ministro da Justiça Jean Chretien e pelo Ministro dos Negócios André Ouellet.

A Rainha encontra canadenses

Outros eventos programados para a Rainha incluíram a inspeção da Guarda de Honra e encontros com os Premiers das províncias. No dia anterior, ela atendeu a inúmeros compromissos, incluindo um concerto no National Arts Centre e um jantar no Holliday Inn. Para este jantar foram convidadas 282 pessoas, muitas delas jovens escolhidos pelos membros do Parlamento.

A Rainha atendeu a todas as programações durante sua estada de 4 dias em Ottawa demonstrando sempre o maior respeito por cada pessoa que encontrou. Sorria sempre e manteve a mesma desenvoltura, não demonstrando o menor cansaço em todo o programa.



O Primeiro-Ministro Pierre Trudeau em recente visita ao Brasil

A base da Constituição

A Constituição canadense consiste de várias leis, bem como de convenções políticas e práticas judiciais, mas o documento principal é a lei britânica chamada *The British North-America Act* (Constituição Britânica do Norte ou BNA) de 1867, que define a separação dos poderes no sistema federal. No tempo da assinatura do BNA, os fundadores do Canadá tomaram a atitude de garantir que se futuras mudanças fossem necessárias para as leis, os canadenses poderiam, simplesmente, pedir ao Parlamento britânico que as outorgassem. Isto aconteceu 23 vezes em 115 anos, sendo a última a que permitiu a passagem da Constituição para o poder do Canadá.

O Ato da Constituição de 1982 pôe fim a uma prática pela qual o Canadá, uma nação soberana, ainda tinha que pedir a um parlamento estrangeiro, no caso o britânico, que outorgasse as mudanças em sua própria Constituição. Desde os anos 20 e 30, quando o Canadá ganhou sua total independência, que os canadenses vêm tentando um acordo entre si para proceder emendas no BNA. Negociações entre o governo federal e as províncias em 1927, 31, 35, 49, 60, 64, 71, 78, 79 e 80 terminaram em desacordo. Um acordo entre o governo federal e nove províncias em novembro de 1981 trouxe um fim para os 55 anos de impasse, coroado pelo Ato de 17 de abril.

Fora sua importância histórica, o Ato soma novos dados à presente Constituição: — um capítulo de Direitos e Liberdades que reconhece a supremacia de Deus e as leis, protege os direitos que os canadenses prezam e reconhece novos direitos; — afirmação dos direitos existentes dos povos nativos; — o princípio de igualdade no que se refere à tradição de dividir recursos entre as províncias; — continuação dos direitos de posse dos recursos naturais pelas províncias; e

— uma emenda que assegura que todas as mudanças na Constituição podem ser feitas no Canadá.

Este Ato de Constituição não é uma nova Constituição canadense: o BNA, como também outras leis importantes de matérias constitucionais, ainda permanece e foi incorporado à Constituição de 82.

Renovação da Constituição

A promulgação da Constituição este ano é o término de aproximadamente dois anos de intenso movimento político no Canadá. Em 20 de maio de 1980 a maioria dos quebequianos, num plebiscito, negou ao governo provincial o direito de negociar uma nova relação política com o resto do Canadá. Em resposta ao referendo, o Primeiro-Ministro Pierre Trudeau chamou os Premiers de cada governo provincial — British Columbia, Alberta, Manitoba, Saskatchewan, Nova Scotia, Prince Edward Island e Newfoundland — para uma conferência federal de províncias a fim de reformar a Constituição e renovar o federalismo canadense.

Em setembro do mesmo ano, o Ministro Trudeau e os 10 Premiers chegaram a um acordo em apenas 12 itens da agenda discutida. Os itens discutidos foram a repatriação da Constituição com uma nova regra de emendas, o princípio de igualdade, a reforma do Senado e da Suprema Corte etc...

A razão para o fracasso, como nas tentativas anteriores nos anos 60 e 70, foi o não acordo dos diferentes pontos de vista para a reforma da Constituição. As províncias, ou pelo menos a maioria, achavam essencial se discutir, em primeiro lugar, a distribuição do poder constitucional no sistema federal, enquanto que o governo federal tinha como prioridade a repatriação da Constituição.

Deparado com o impasse, o governo federal decidiu mexer unilateralmente na reforma. Uma resolução foi introduzida no Parlamento em outubro do mesmo ano, requisitando ao Parlamento britânico a repatriação da Constituição com um novo capítulo de Direitos, uma nova fórmula de emendas e uma previsão para pagamentos de igualdades. Embora o principal partido de oposição, o Conservador Progressista, tenha apoiado em princípio a idéia, logo depois se opôs a ela dizendo que o governo canadense só podia fazer importantes mudanças com o apoio da maioria das províncias. O outro partido, o Nova Democracia, deu seu apoio à proposta em contrapartida a um acordo que incluía a posse dos recursos naturais pelas províncias.

Comitê especial

O pacote da Constituição repercutiu entre os canadenses. Um comitê do Senado e da Câmara dos Comuns foi formado e suas discussões televisadas, recebendo mais de 1.200 cartas de associações e pessoas. Como resultado das discussões, mais de 70

mudanças foram feitas na proposta governamental.

A maioria das províncias reclamaram que a ação unilateral do Parlamento, mesmo depois da formação do comitê especial, feria a prática e o espírito do federalismo. Eles clamavam que no sistema federal existiam dois níveis de governos e que o governo central não podia fazer importantes mudanças constitucionais sem o consentimento dos governos das províncias. Seis províncias, a princípio, e duas apenas mais tarde, levaram o caso às Cortes para contestar a constitucionalidade da resolução. A Corte de Manitoba e de Quebec declararam que no tangente à jurisdição, a resolução era legal, mas a Corte de Newfoundland declarou-a ilegal.

A Suprema Corte do Canadá foi chamada para dar seu veredicto nos 3 julgamentos. E numa decisão histórica em 29 de setembro de 1981, regulamentou que "enquanto o Parlamento estivesse dentro de seus direitos para proceder sozinho com as emendas substanciais à Constituição, a resolução constitucional do governo federal não estava de acordo com a convenção, que requeria um substancial apoio das províncias para emendas no BNA". Só que a Corte, entretanto, disse que a definição para "emendas substanciais" deveria ser dada pelos protagonistas do episódio.

Seguindo literalmente esta decisão, o Primeiro-Ministro Trudeau chamou para uma conferência os 10 Premiers das províncias para obter o apoio à resolução. Oito dos 10 Premiers, que tinham assinado um acordo entre eles em abril de 1981, queriam uma nova regra para o procedimento de emendas e a queda do Capítulo dos Direitos. Em 5 de novembro, o Governo do Ca-

adá e 9 Premiers chegaram ao fim das discussões. O Capítulo dos Direitos foi modificado e uma fórmula diferente para as emendas foi adotada.

O histórico acordo entre o governo federal e as províncias, bem como a adição de outras emendas apresentadas pelo governo de Quebec, finalmente pôde ser apresentado ao Parlamento. Quando a Câmara dos Comuns e o Senado assinaram a resolução, formou-se a base de um abaixo-assinado para a Rainha Elizabeth pedindo que o Parlamento britânico enviasse para o Canadá sua Constituição.

A resolução chegou à Câmara dos Comuns britânica em 22 de dezembro de 1981 e teve uma terceira e última leitura em 8 de março de 1982. Foi então enviada para a Câmara dos Lordes e dada sua leitura final, sendo outorgada em 25 de março. O consentimento da Rainha foi dado em 29 de março, exatamente 115 anos após a Rainha Vitória ter assinado o BNA (Constituição Britânica do Norte), que criava a federação canadense.

Liberdades garantidas

De maior importância para os canadenses é, provavelmente, a colocação do Capítulo dos Direitos e Liberdade na Constituição. Embora os canadenses já fossem tradicionalmente a favor dos direitos humanos, poucos desses direitos constavam explicitamente da lei. Eles eram protegidos por Atos do Parlamento e alguma legislação nas províncias, outras por decisões judiciais e notas do BNA. Entretanto não havia garantias expressas para algumas liberdades fundamentais e direitos. Estando escrito na

Constituição dificulta ainda mais qualquer abuso ou tentativa que possa vir a ser feita por algum governante. Este capítulo também favorece os direitos dos cidadãos e limita o poder dos governantes.

Muitas das liberdades garantidas no Capítulo estão associadas com a livre sociedade. Estas incluem liberdades fundamentais (liberdade de religião, pensamento e expressão, de imprensa), dos direitos democráticos (do voto) e direitos legais (o direito de ser informado prontamente da razão de ser preso).

Neste mesmo Capítulo, muitos direitos e liberdades expressos requererão um certo ajustamento das leis canadenses, e pela primeira vez na história do país a Constituição reconhece a igualdade da mulher.

As causas de igualdade abrangem tão extensamente vários segmentos e afeta outras tantas leis que elas só entrarão em vigor em 1985. Finalmente, a Constituição de 1982 lega ao Canadá todas as possibilidades de legislar sobre as mudanças que venham a ser necessárias. A emenda diz, explicitamente, como os canadenses, através do governo federal e das províncias, podem fazer mudanças em sua Constituição.

Futuras mudanças necessitarão do acordo do Parlamento canadense e de 7 legislaturas provinciais, representando pelo menos 50% da população de todas as províncias. Nenhuma província por si só poderá vetar uma emenda. Entretanto, se uma província não quiser adotar uma emenda, poderá rejeitá-la. Em certas matérias, tais como a monarquia, direitos específicos de língua e composição da Suprema Corte, será requerido o consentimento das legislaturas provinciais e do Parlamento.

Mark MacGuigan em revista



O satélite brasileiro é do Canadá

O Brasil terá dentro de 30 meses, a contar de junho, seu primeiro satélite doméstico fornecido pelo consórcio canadense-americano *Spar/Hughes*, que venceu a licitação internacional para fornecimento do satélite.

A *Hughes*, um dos principais grupos que desenvolvem tecnologia no mundo ocidental, tem prestado ao lado da canadense *Spar* um serviço importantíssimo nos programas espaciais do Canadá. A *Spar* já participou em, aproximadamente, 50% da fabricação de equipamentos para satélites.

O Canadá é um país pioneiro no desenvolvimento de programas de satélites e a *Spar*, fundada em 1968, é a maior indústria no setor de comunicações em satélites no país. Desde sua fundação até hoje, a *Spar* forneceu mais de 2 mil estações de microondas a 25 países, fabricou a plataforma de carga útil de 27 satélites, além de equipamentos de vários outros. Atualmente construiu, em convênio com a NASA, o RMS (Remote Manipulator System), o braço com 15 metros de comprimento que foi adaptado ao Space Shuttle. Este braço mecânico proporciona aos astronautas manipular no espaço objetos que tenham peso equivalente ao de um ônibus. Esta experiência e sofisticação tecnológica habilitaram o consórcio canadense-americano a construir o satélite brasileiro.

Custos de fabricação

Os custos finais de fabricação do satélite estão orçados em US\$ 189,1 milhões, incluídos as estações de controle e telemetria e o lançamento. O Brasil terá 10 anos para amortizar a dívida. Na assinatura do contrato, entretanto, serão definidas outras medidas que atendem exigências brasileiras para a concretização final do negócio. Serão estudadas, entre a Embratel e as empresas empenhadas na fabricação do satélite, as condições de financiamento, transferência de tecnologia e contrapartidas comerciais.

O satélite doméstico substituirá o Intelsat

O Brasil gasta atualmente em aluguel de "transponders" — canais de som e voz —, instalados na Amazônia e pertencentes ao INTELSAT, aproximadamente US\$ 3 milhões por ano. A aquisição do satélite, segundo o secretário-geral do Ministério das Comunicações, Sr. Romulo Furtado, "substituirá o aluguel que pagamos hoje. Em 1990 o aluguel estará em torno de 16 milhões de dólares ao ano, fazendo projeções conservadoras". E acrescenta ainda "que a compra vai ser a melhor possível e a compensação é para o balanço comercial do país". O satélite brasileiro funcionará com 24 "transponders", o que significa uma capacidade individual para mil transmissões de voz e uma de televisão. Inicialmente o satélite funcionará apenas internamente, no entanto, com sua capacidade, poderá cobrir alguns países latino-america-

nos. Desta forma é possível, no futuro, alugar alguns destes canais a países interessados.

Aliado à necessidade de independência do consórcio INTELSAT, "o país necessita conseguir seu lugar no espaço orbital", explica o Sr. Romulo Furtado, "e isso só é possível com a instalação do satélite. Segundo estudos norte-americanos, no ano 2000 haverá cerca de 200 satélites em órbita geoestacionária, o que implica na urgência de se garantir um bom lugar no espaço. Outro fator determinante para aquisição do satélite doméstico brasileiro é a extensão geográfica do país com seus acidentes e a população descentralizada que dificulta e inviabiliza uma rede de comunicações terrestres.

Programas educativos via satélite

O Canadá, além da experiência na construção e manutenção de programas espaciais, o que já é um aval inquestionável para o sucesso do modelo brasileiro, tem em comum com o Brasil, entre outras coisas, a semelhança geográfica. País de dimensões continentais e terreno acidentado, o Canadá conseguiu através do satélite doméstico um desenvolvimento considerável a partir da interligação de suas regiões.

Com a expansão de sua rede de telecomunicações penetrou em áreas remotas do seu território, como a região dos INUIT — esquimós — ao norte, que não tinha praticamente nenhum intercâmbio com as regiões mais desenvolvidas do país. O satélite possibilitou que estes habitantes, como também os de outras regiões igualmente carentes, pudessem receber programas de serviços, principalmente orientação médica, higiene, técnicas agrícolas etc., sem a necessidade de se deslocarem de suas regiões. Atualmente 22 canais operam normalmente recebendo programação educativa que inclui administração pública, enfermagem, administração de recursos hídricos, cons-

trução de estradas, combates a incêndios florestais e cursos que vão desde o jardim da infância até ao colegial. Estes programas são transmitidos diariamente das 9 às 23 horas e o governo canadense espera atingir nos próximos 3 ou 4 anos 90% da população do interior.

Intercâmbio

O Brasil, apesar de usar satélites de comunicação desde a década de 60, até hoje não conseguiu cobrir todo seu território. Dos 3.974 municípios brasileiros aproximadamente 600, até o momento, não são atingidos pelo sistema de comunicações. O satélite conseguirá atingir estes municípios, como também ajudará a desobstruir as linhas de grande tráfego (Rio/São Paulo), com a vantagem de retransmissão de qualidade superior às emitidas atualmente em virtude do satélite a ser implantado ter mais potência e estar projetado especialmente para atender ao território brasileiro, observando todas as suas características.

Brasilsalt

O BRASILSALT — satélite brasileiro — e seu reserva estarão concluídos no início do ano de 1985, conforme o contrato com a *Spar/Hughes*, e estará sendo lançado ao espaço em fevereiro do mesmo ano pelo foguete francês Ariane da base de Kourou, na Guiana Francesa. O satélite, com uma tonelada de peso, tem a forma de um cilindro com 4 metros de comprimento por dois de largura e ficará estacionado a 36.000 km de altitude sobre o equador. Estará posicionado sobre o Amazonas, mais precisamente em cima do município de São Gabriel da Cachoeira, na divisa com a Colômbia e Venezuela.

O Brasil, portanto, ocupa seu lugar no espaço onde já se encontram a Europa, EUA, Indonésia, URSS, Japão, Índia e o Canadá, o fornecedor do modelo brasileiro.

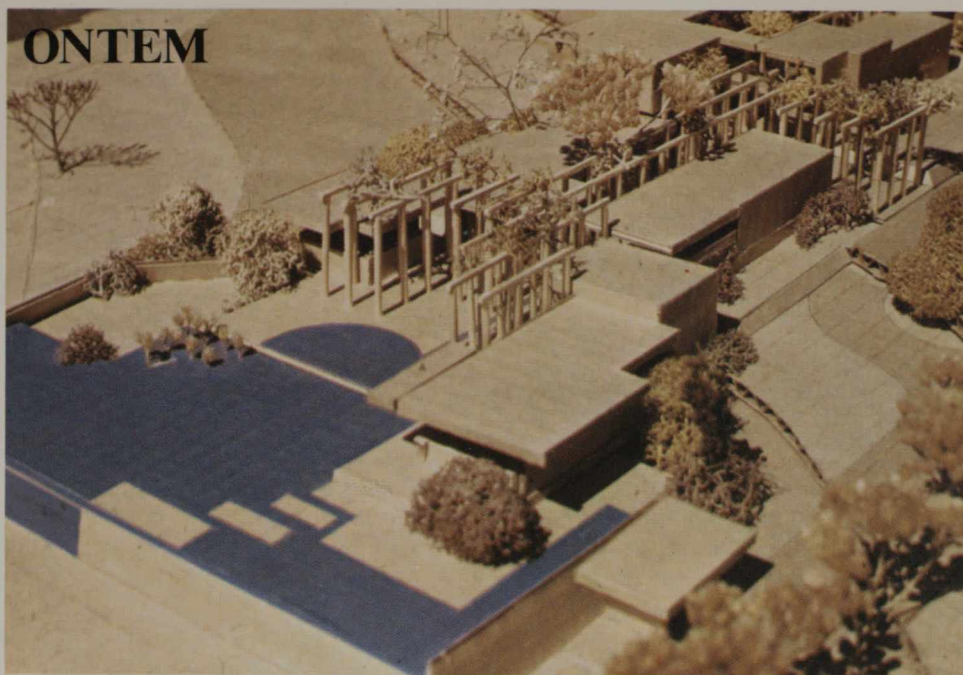


10 anos de Brasília

RESPONDENDO aos desejos do Governo brasileiro, a Embaixada do Canadá mudou-se do Rio de Janeiro para Brasília em 1972. Pela primeira vez em 5 anos a Embaixada estabelecia-se em um edifício no centro da cidade, enquanto uma nova chancelaria era construída num terreno de 24.000 metros quadrados no setor sul das Embaixadas.

De acordo com o plano de construção de Brasília, as Embaixadas deveriam ter em seus prédios a representação do estilo arquitetônico de seu país. Criou-se um desafio para os arquitetos canadenses, pois as diferenças climáticas entre os dois países são enormes. Entretanto, o projeto final, desenhado em Vancouver pela *Thompson, Bernick, Pratt and Partners* e construído pela companhia brasileira *CONCIC*, é uma combinação harmônica do estilo arquitetônico brasileiro e canadense. Os arquitetos favoreceram-se do clima brasileiro para desenhar uma estrutura ampla e interessante para os visitantes e funcionários da Embaixada.

A grande maioria do material utilizado na construção da Embaixada é brasileiro, que junto com o estilo do Canadá produz um sentimento de familiaridade tanto para canadenses quanto para brasileiros. Pilares altos dão a impressão de uma floresta de *redwood* canadense e adiciona tons da arquitetura indígena da costa oeste. Quatro espelhos de água espalhados pelo conjunto favorecem uma atmosfera informal e descontraída.



ONTEM

A Embaixada também possui obras de arte canadenses adquiridas do *Canadian Art Bank*, as quais subvencionaram jovens artistas, além de estarem em permanente exposição num prédio do governo canadense. A Embaixada também dispõe de uma biblioteca com grande acervo de obras de autores canadenses, uma filмотeca, sala de projeção e conferência, além de áreas de recreação para seus funcionários.

A nova Chancelaria foi oficialmente inaugurada pelo Secretário das Relações Exteriores, Don Jamieson, em 13 de janeiro de 1977. Desde então, com o crescimento das relações bilaterais, a Embaixada tem sido palco de ilustres visitantes, incluindo o Primeiro-Ministro Pierre Elliot Trudeau em janeiro de 1981 e o Secretário das Relações Exteriores, Mark MacGuigan, em março de 1982.



HOJE



Um paraíso sobre o mar

Rodeada em quase sua totalidade pelo Oceano Atlântico, um cheiro de mar está sempre presente na NOVA SCOTIA, mesmo quando se está no interior, que dista 56 km do mar. Foi o Atlântico que trouxe os primeiros habitantes, que alimenta-os e trouxe o comércio para lá. E é o Atlântico que faz da terra a mais natural reserva ecológica.

A costa talhada pelas marés que variam constantemente, morros descendo gentilmente até o oceano, rochedos pontiagudos dentro de fortes correntes e praias de areia branca que nunca se repete nos seus 7.560 km de costa, fazem de Nova Scotia um paraíso sobre o mar. É um oceano completo ao redor da terra que permite nadar, mergulhar, pescar e pintá-lo no melhor estilo de vida. Brinque nas praias, existe sempre uma por perto. Alugue um barco a vela e explore as enseadas e os braços de mar da costa onde piratas e corsários se refugiavam. Ande num barco que o levará para a pesca submarina de quase todos os

pequenos ancoradouros da província. Lance a linha para pescar bacalhau ou cavala, ou, ainda, arremesse outra linha para pescar um imenso atum que se alimenta nas águas da costa no fim do verão.

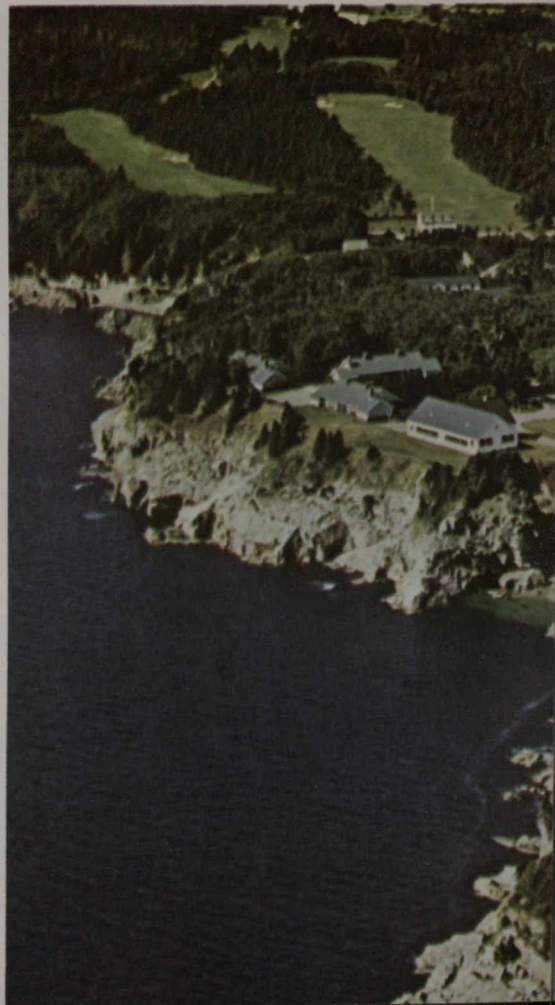
Mergulhe em busca do prazer entre 2.000 galeões afundados ao longo do fundo costeiro ou leve a máquina fotográfica para tirar fotos da terra e do mar.

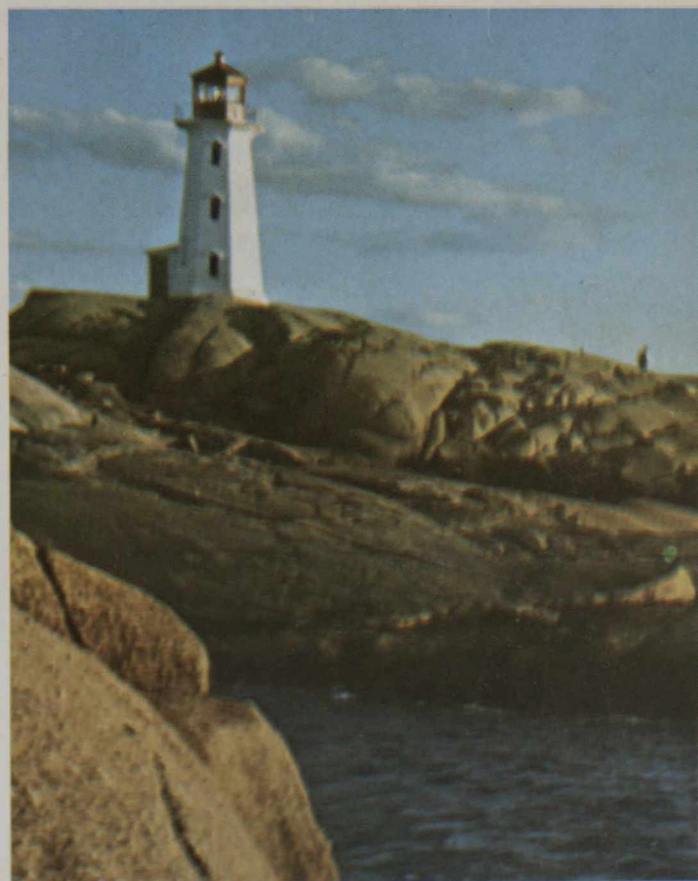
E não se perderá contato com o mar um só tempo na Nova Scotia não importando o que se fizer por lá. E sempre existe a brisa com aquele cheirinho de mar. O playground oceânico do Canadá é exatamente lá. São 34.280 km² que combinam todas as coisas que se pode querer para passar umas férias. Fazendas, vilas de pescadores, pequenas localidades rurais onde a comida tem gosto de fogão a lenha, praias e parques num mundo de paz estão à disposição. E nunca faltará o que fazer. Um calendário turístico extenso, incluindo festivais de terra e mar, da lagosta, concertos, competições de pesca, feiras de artesanato, corrida de barcos, exposições e algo do tempo antigo que mantém os visitantes sempre ocupados da primavera ao

outono está sempre em evidência. Na Nova Scotia o artesanato é hábito e o hábito é artesanato. Em qualquer parte que uma refeição é servida das velhas cozinhas, pode-se ter certeza de que o produto final é resultado de uma arte passada através das gerações.

O que agora é vendido como presente em uma das milhares de lojas de artesanato da província, uma vez foi parte dos costumes de seu povo. As colchas de *patchwork*, bonecas de pano, móveis, cerâmica, vitrais, tapetes e talhas refletem o orgulho que o povo do lugar tem de seus antepassados.

Se férias significa ficar sozinho, veleje para uma ilha perdida ou lance âncoras em uma lagoa. Respirar história ou relaxar em uma praia remota do mundo, lá é o lugar certo. Ou melhor, lá é o lugar certo para qualquer coisa que se queira fazer! Tem antiguidades, artesanato, cavalos, quadra de tênis, praia, história, diversão etc... Mas Nova Scotia tem muito mais a oferecer — um lugar fora deste mundo seja o que se estiver procurando.





A casa que a história construiu



Mesa do Governador-Geral



Outro ângulo da ante-sala da Câmara



Sala de J. A. MacDonald

Qual é o edifício mais importante do Canadá? E o mais antigo? A resposta é o Parlamento em Ottawa, um prédio em estilo gótico-vitoriano em cujas salas foi criado o Canadá. Seus corredores transmitem o poder que ali circula. Os degraus das escadarias contam, passo a passo, a história do Canadá.

ESTE ano, o bloco este do prédio saiu do mais fantástico plano de restauração histórica jamais feita. Este bloco é um dos quatro edifícios que uma vez já detiveram o poder no país, mas é o único que sobreviveu de forma reconhecível ao seu passado. A parte central foi destruída por um incêndio em 1916 e todo o interior do bloco oeste foi desfigurado por remodelamentos mais recentes. O centro do prédio é o gabinete e a ante-sala, formando a Câmara do Conselho. Estes aposentos são de dimensões pequenas e, talvez, tenha sido esta a razão para que os primeiros-ministros também mantivessem seus gabinetes em pequenas áreas. O gabinete está localizado na mesma ala há 115 anos, embora em tempos mais atuais ele tenha se mudado para o bloco central. Neste mesmo lugar, em 1866, a Constituição Britânica do Norte (BNA) foi planejada. Provavelmente, também ali, prestou juramento à Constituição da



Ante-sala da Câmara



Bloco este do Parlamento

formação do Canadá, em 1º de julho de 1867, o então Governador-Geral MacDonald. Com sua reabertura, o edifício retorna à corrente da história. Os departamentos que lá uma vez se instalaram estão espalhados por outros prédios e o escritório do Primeiro-Ministro localiza-se do outro lado da rua. Este bloco tornou-se parte do Parlamento e está reservado para uso de Ministros, membros do Parlamento, Senadores e

administradores federais. Suas características originais foram restauradas. Dos famosos corredores foram arrancadas as tintas mais modernas e o emaranhado de fios voltaram para as paredes. Reabriram-se entradas que se encontravam bloqueadas. Novamente a luz do sol pôde ser filtrada pelos vitrões nas grandes escadarias. Todas as luminárias nos lugares públicos foram adaptadas de lâmpadas a gás. Todas as 5 salas estão preservadas em

um dado momento do tempo: ano de 1872. O gabinete do Governador-Geral ressurgiu em elegância para a visitação pública. As cadeiras voltaram a seu lugar de origem. Agora a lareira foi reformada com todos os seus pertences ao tempo de Sir John A. MacDonald. Este edifício não é um museu, mas um edifício público onde salas e corredores da era vitoriana foram preservados para contar a história do Canadá.



Escritório do Governador-Geral

Experiência ártica — exploração de petróleo (I)

Os canadenses estão aprendendo duras lições com os problemas de energia. Elevações constantes nos preços e os altos custos derivados de petróleo têm angariado sérias reclamações por parte da população. Mas o governo federal sabe que deve encontrar saídas para a crise de energia e que a solução está na prospecção petrolífera a fim de descobrir poços comercialmente viáveis e deixar de importar do Extremo Oriente.

O desafio nos Territórios do Noroeste, no Mar de Beaufort e no delta do rio Mackenzie, é feito para desenvolver novos suplementos de gás e petróleo com um mínimo de perturbações à população local e no meio ambiente.

HOJE, algumas pessoas estão preocupadas com a exploração petrolífera na região. Muitas questões têm sido colocadas para a presença de pesquisadores. Basicamente as brocas de perfuração lá estão para assegurar o futuro do Canadá. São parte de um importante plano para dar ao país a auto-suficiência em energia antes da virada do século.

Uma sucessão de exploradores, geógrafos e comerciantes subiram o rio Mackenzie até ao Mar de Beaufort, mas foi apenas em 1919 que a *Northwest Company* começou a perfurar o vale do rio, encontrando óleo em *Norman Wells*. O campo, com capacidade para 500 milhões de barris, vem produzindo desde 1932 para suprir as necessi-

dades do mercado do norte. Mas as terras dos Territórios pertenciam e ainda pertencem ao governo federal, que permitiu a exploração mediante a condição de que as companhias gastassem uma certa quantia anual por acre de terra explorada.

Todos os olhos se voltaram para o norte. Nos fins de 1969 aproximadamente 400 milhões de acres dos Territórios e das Ilhas Árticas estavam abertos à exploração, decaindo logo depois para 180 milhões. O governo, em 1976, para encorajar a exploração em áreas mais remotas, deu incentivos fiscais. Esses incentivos resultaram em quase 1 bilhão de dólares investidos na exploração petrolífera na área do delta do Mackenzie.

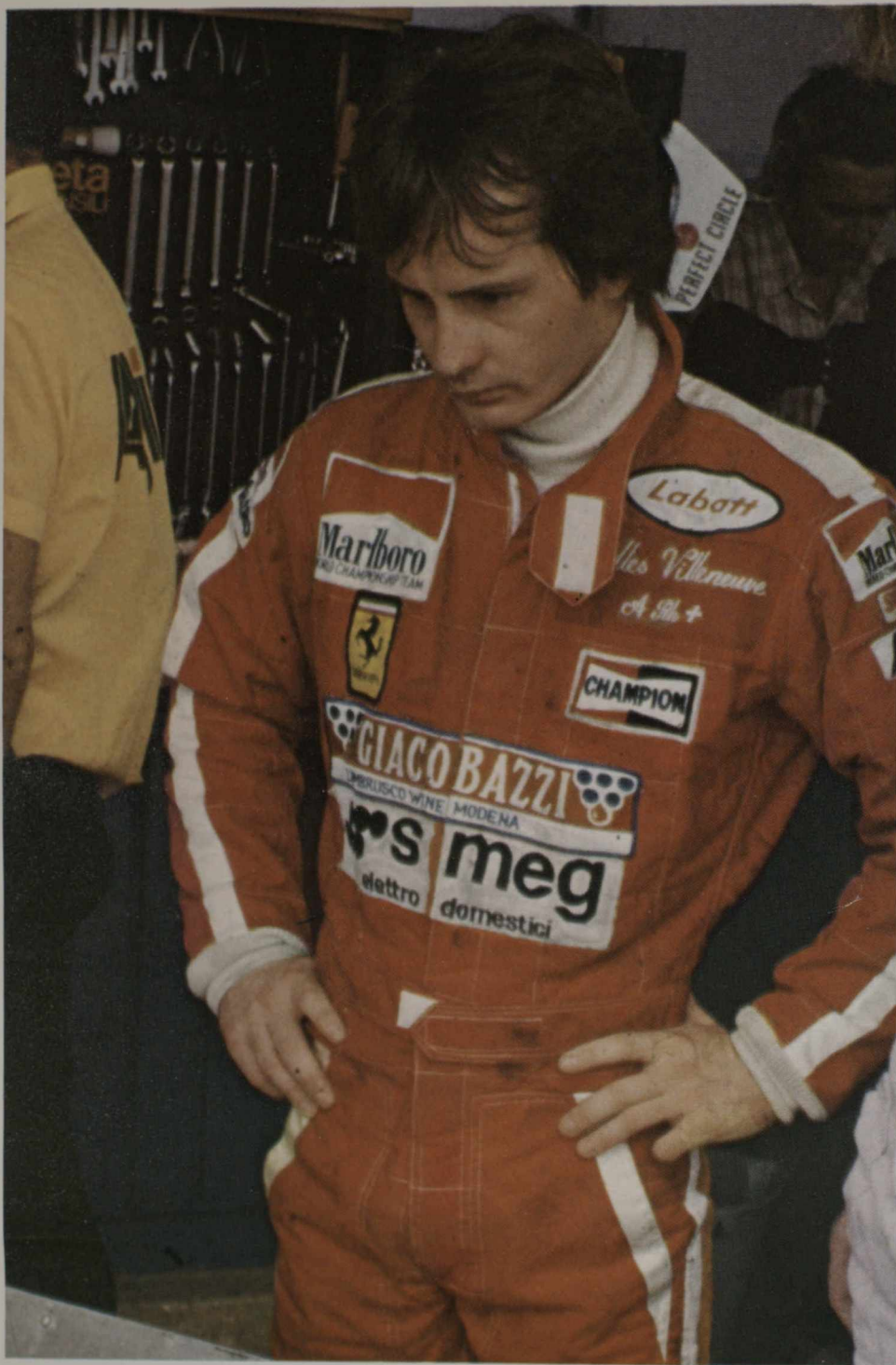
As atenções também se voltaram para as águas do Mar de Beaufort quando uma companhia confirmou indícios de que 3/4 do potencial petrolífero da área estava sob as águas do mar. Foi pedida permissão para a exploração, sendo dada nas condições de que se criassem ilhas artificiais capazes de proteger a ecologia local de qualquer acidente. Pela primeira vez dava-se início à exploração na plataforma marinha ártica. Navios perfuradores poderiam ser usados, brocas poderiam ser instaladas em plataformas de gelo ou em ilhas artificiais. A preferência foi dada para a construção de ilhas nas águas rasas perto da costa. As primeiras foram feitas em águas com mais ou menos um metro de profundidade e, mais recentemente, já foram construídas em até 20 metros. O trabalho de construção da primeira ilha, chamada *Immerk*, começou em 1972 e as perfurações em 17 de setembro de 1973.

Aproximadamente 165 perfurações foram feitas na região do mar e do delta. Algumas tiveram gás e petróleo, mas atualmente elas servem para ajudar no mapeamento e análise da região.

(Continua no próximo número)



Canadá perde seu piloto n.º 1



NASCIDO em janeiro de 1952 em Berthierville, pequena cidade da província de Quebec, a 50 quilômetros de Montreal, Gilles Villeneuve chegou à Fórmula-1 após iniciar-se no esqui, esporte tradicional nas montanhas nevadas do Canadá, passando depois pelas motocicletas e finalmente aos carros sofisticados do circuito da Fórmula-1.

Apesar de ter começado na McLaren em 1977, sua carreira de piloto profissional foi toda na Ferrari. Teve nos italianos os admiradores que se orgulhavam de sua bravura e audácia com que enfrentava as pistas dos autódromos. Esta determinação nas competições vem desde os tempos em que corria de kart nas pistas de neve, fato que impres-

sionou o famoso dono da Ferrari, Enzo Ferrari, que o contratou para competir por sua escuderia. Villeneuve não se impressionou com os astros da Fórmula-1, nem tampouco com as perigosas pistas dos autódromos espalhados pelo mundo e logo passou a ser respeitado e temido.

A paixão pela velocidade

Os acidentes nas pistas tornaram-se constantes na vida do piloto. Na sua estréia na Ferrari, no Grande Prêmio do Japão, seu carro desgovernado atravessou o guardrail, matou duas pessoas e feriu várias outras. Villeneuve não se intimidou: já estava preparado desde o início. Os acidentes se sucederam em sua carreira, talvez uma das

mais acidentadas na história da Fórmula-1. Estes acidentes eram quase sempre atribuídos a sua impetuosidade, a paixão pela velocidade. Foi esta atração pela velocidade que o fez trocar, ainda no Canadá, os esquis comuns por motocicletas montadas em esquis duplos, um esporte quase malabarístico e, posteriormente, as motocicletas pelos carros de corrida.

Astro romântico

A partir da sua estréia no Japão em 1977, Villeneuve ganhou seis grandes prêmios defendendo a Ferrari. O primeiro deles foi em 1978 no Canadá e em 1979 na África do Sul, Estados Unidos-Oeste, Estados Unidos-Este, Mônaco e finalmente Espanha.

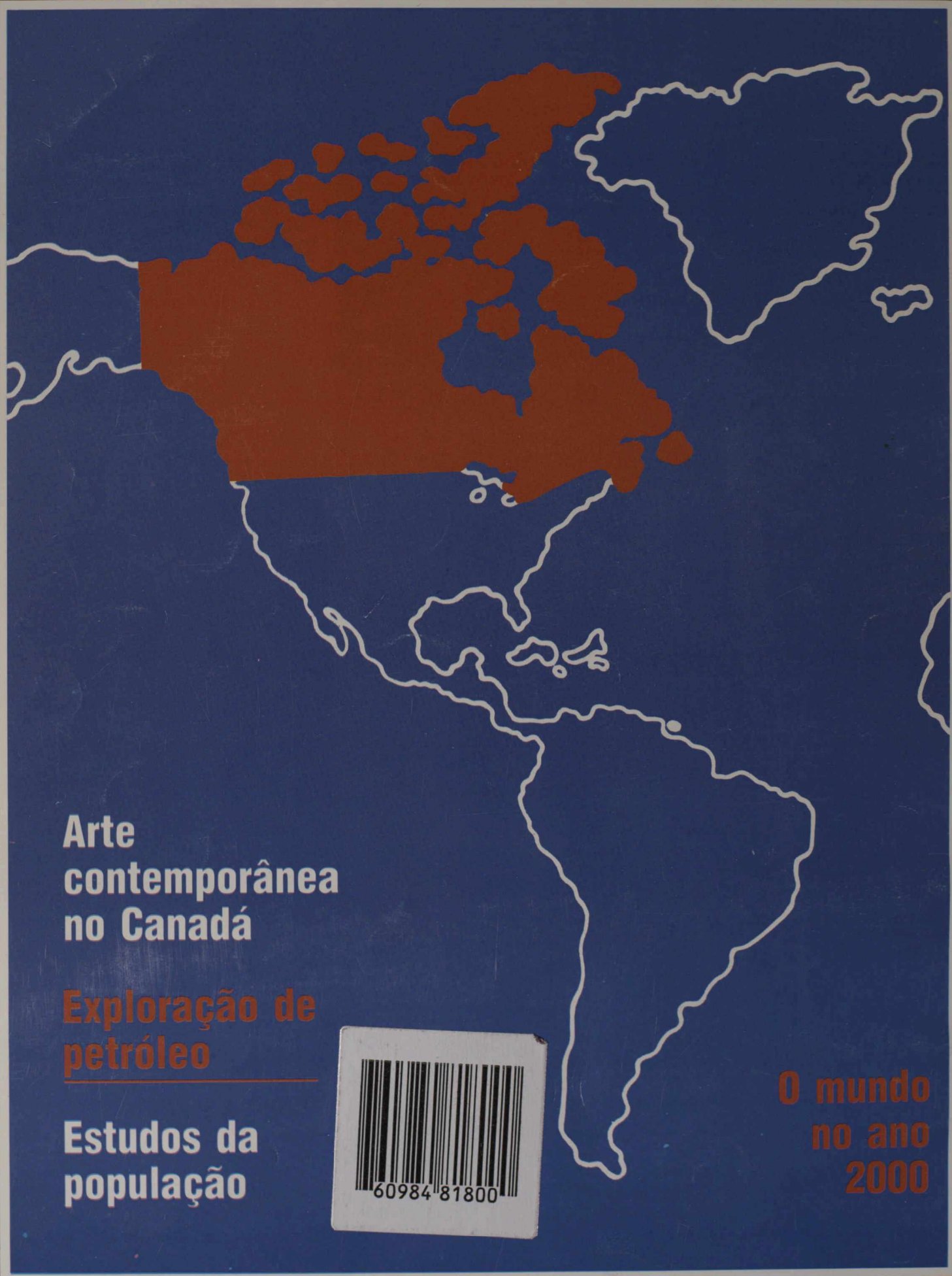
Nada foi mais emocionante em sua carreira do que a vitória no Canadá. Foi um momento duplamente marcante: sua primeira vitória na Fórmula-1 e exatamente em seu país. As outras vitórias, assim como toda a sua atuação no circuito de Fórmula-1, foram marcadas pela arrogância e determinação. O medo não o acompanhava em suas corridas, conforme ele mesmo dizia: "Quando se faz este trabalho, não se pode ter medo. No dia em que sentir necessidade de ser prudente, de não correr riscos para vencer um Grande Prêmio, nada mais terei a fazer nos circuitos de Fórmula-1". No entanto, a arrogância, a impetuosidade e até mesmo a imprudência de Villeneuve nas pistas contrastava com seu temperamento calmo e romântico. Arredio às excentricidades dos astros de corridas, preferia nos momentos de folga a companhia da esposa Joane e dos filhos Jacques de 10 anos e Melanie, de 8. Sua ligação com a família era tão forte que comprou um trailer para que a esposa e os filhos pudessem acompanhá-lo nas viagens. Era uma forma de estar sempre ao lado da família que ele tanto preservava.

No entanto, Villeneuve estava sozinho na Bélgica para mais um desafio às máquinas e às pistas. Joane havia ficado em Montecarlo, onde residiam, para a primeira comunhão de Melanie. Villeneuve estava só em sua última viagem.

Perigo Voador

O "Perigo Voador", como ficou conhecido no circuito de Fórmula-1, se retira das pistas contra sua vontade. Oito de maio, últimos preparativos para a corrida do dia seguinte. Autódromo de Zolder, Louvain, Bélgica: Villeneuve não satisfeito com o tempo alcançado na primeira parte dos treinos, tenta melhorar sua posição. De volta à pista, com sua incontrolável vontade de vencer, busca o tempo ideal para uma boa largada. A máquina não suportou o desejo do piloto e explodiu, encerrando ali a carreira de um dos pilotos mais persistentes, corajosos e inveterados amantes da velocidade que o circuito de Fórmula-1 já conheceu.

Gilles Villeneuve morreu fiel ao seu ideal de vitória e sem ter encontrado o medo.



**Arte
contemporânea
no Canadá**

**Exploração de
petróleo**

**Estudos da
população**



**O mundo
no ano
2000**